



O INTERSEXO E SUAS VICISSITUDES: UM OLHAR DO GÊNERO ENQUANTO CATEGORIA DISCURSIVA

Fernando Brito da Silva Neto (1); Jullyanne Rocha São Pedro (2); Célia Aparecida Araújo Lemos (3); Letícia Damáris Alves Ferreira Gomes (4); Suzana Pires Muner (5)

(1) Universidade Federal de Campina Grande: fernandob.s.neto@hotmail.com

(2) Universidade Federal de Campina Grande: jullyanne.rocha@hotmail.com

(3) Universidade Federal de Campina Grande: celia.2011.lemos@gmail.com

(4) Universidade Federal de Campina Grande: leticidadamaris@hotmail.com

(5) Universidade Federal de Campina Grande: suzanamuner@hotmail.com

RESUMO: A busca pela verdade do sexo acarreta a classificação do sujeito em categorias. Dessa forma, os indivíduos que em si representam uma alteridade ao modelo binário, estático e iluminista de identidade, como os intersexuais, são vítimas de discursos de ódio e repulsa. Esta pesquisa se realizou através de revisão bibliográfica de autores que discutem as problemáticas de gênero e identidade sexual, com o objetivo de desvelar as vicissitudes do intersexo. Fazendo uma análise foucaultiana, percebe-se que os discursos acerca da sexualidade produziram a taxonomia do sexo, com o surgimento de novas categorias e identidades, que são resultados da interferência do poder sobre os corpos e prazeres, que passam a compor uma lógica de mercado. Consta-se que a sexualidade é uma tecnologia discursiva e que o gênero, conforme esta perspectiva, se constitui uma categoria discursiva.

Palavras-chave: Intersexo. Categoria Discursiva. Gênero.

INTRODUÇÃO

O limiar entre o sexo que o indivíduo pratica e sua identidade, através do olhar do outro sobre esse indivíduo, pode ser tido como irrisório. Levando em consideração que é através da busca pela verdade do sexo do outro que surge a categorização, seja ele biológico, da ordem do desejo, bem como daquilo que é designado como sendo de determinado gênero.

Desse modo, não seria possível os indivíduos transitarem entre aquilo que é tido como masculino ou feminino. Assim, os indivíduos que em si representam uma alteridade ao modelo binário, estático e iluminista de identidade, são vítimas de discursos de ódio e repulsa.

Por conseguinte, através do presente artigo, utilizando a revisão bibliográfica, visamos discutir as problemáticas de gênero e identidade sexual com o objetivo de desvelar assuntos tão contraditórios e por em voga a



diversidade de gênero e sexual e a liberdade que está sendo galgada, paulatinamente, em torno de tais aspectos sócio e culturalmente, por vezes, marginalizado.

Do surgimento de novas categorias e identidades

Foucault na obra *História da Sexualidade: A vontade de saber* critica a hipótese da repressão como sendo a mola propulsora da sexualidade na Idade Moderna, e defende que o Ocidente ao invés de coibir o sexo, passou a inseri-lo como objeto de diversos discursos científicos, a exemplo da Psicanálise.

Os elementos envolvidos na hipótese repressiva proporcionam o surgimento da Ciência Sexual, que passa a ter função de produção da verdade e de saber, com consequente incitação aos discursos acerca da sexualidade.

Os discursos repressivos acerca do sexo consideram a sexualidade algo natural, intrínseco ao homem, que é reprimido por um aparelho social, pois a disciplina apresentada de maneira natural nas pessoas é constituída a partir de uma prática "adestradora" das ciências do sexo, que impõem esse, como algo necessário de ser conhecido. Entretanto, a sexualidade é uma tecnologia discursiva e não algo naturalizado.

Segundo Foucault (2012), os discursos sobre o sexo não criam interdições, proibições e nem coibições, mas pelo contrário, passam a produzir a taxonomia do sexo, com a criação de espécies classificáveis com a caracterização de seus traços. Surgem inúmeras categorias e novas identidades.

Para o autor, o surgimento destas novas categorias é o resultado da interferência do poder sobre os corpos e prazeres, que passam a compor uma lógica de mercado. Desta forma, se passa a pregar um discurso de aparente negação, que tem finalidade pela excitação ao descobrimento, permitindo que as pessoas tenham diferentes experiências relacionadas ao sexo, que passa a ser patologizado, quando entendido como transgressor, movimentando assim a produção de capital a partir da produção de medicamentos para a "correção" por meio da medicamentação de uma identidade, como o crescimento da produção de artefatos que fazem referência ao prazer de ordem sexual, alimentando e aumentando com o imaginário coletivo sobre as vastas possibilidades (aparentemente) veladas sobre o sexo.

O século XIX no Ocidente foi caracterizado pela busca da verdade do sexo e pela tentativa de redução do sujeito à definição do sexo que pratica, e não pela repressão do sexo. A sociedade ocidental embasou esta busca pelo saber na



cientificidade, constituindo a confissão uma forma de produção da verdade.

É esta vontade de saber que favorece a produção de teorias e discursos científicos baseados na confissão, como é o caso da escuta psicanalítica, que além de obter a confissão, interpreta o que fora dito. É através do discurso sexual que se obtém a verdade do sujeito, identifica-se quem ele realmente é (Foucault, 2012).

Há uma proliferação de discursos sobre o sexo e Foucault (2012) pensa outra maneira de conceber uma história da sexualidade, que não seja a da Hipótese Repressiva, trazendo a produção de 4 (quatro) estratégias, sendo elas: a *histerização do corpo feminino* (epidemia de histeria pelo uso inadequado de seus corpos), *pedagogização do sexo da criança* (tratando a masturbação como patologia), *socialização das condutas de procriação* (com utilização de medidas sociais ou fiscais) e a *psiquiatrização do prazer perverso* (homossexualidade como patologia).

A prática discursiva que constituiu a sexualidade moderna teve 4 (quatro) elementos que subjogou como objeto de pesquisa de poder: o corpo feminino, a masturbação infantil, a vigilância do casal malthusiano e o adulto perverso.

O surgimento da Ciência da Sexualidade se dá através da incitação desses discursos, passando o sexo a figurar como objeto neste

discurso científico. Através destes discursos científicos há a definição de novas categorias e identidades, que constituem formas de controle de corpos.

A biopolítica é uma forma de governar e controlar os corpos dos indivíduos, pois a partir do sexo, pode-se controlar tanto o comportamento individual quanto o da população, pois, essa está condicionada a vigiar a verdade do outro, já que o poder disciplinar é uma técnica sutil que permite um controle minucioso das relações com o corpo, moldando as pessoas para a necessidade da sociedade capitalista, e por isso, a vigilância é necessária, pois é vista aos indivíduos que a ela estão expostos, já que penetra por todos os espaços, sem distinção de tempo, constituindo assim um panóptico de discursos e práticas sexuais, mostrando desta forma a total atenção à verdade sexual do outro e a legitimação social dessas atitudes, fabricando assim uma norma padrão da veracidade do sexo.

A partir da análise de Foucault (2012), entende-se que a verdade reside no sexo que o sujeito se identifica, sendo a sexualidade a definição da verdade de cada um, a constituição de sua subjetividade e identidade, sendo imprescindível no processo de produção de verdade na Modernidade.

É a partir do contexto social e histórico que surgem as possibilidades e



impossibilidades, que permitem variadas formas de expressão e manifestação de identidades. Assim, pode-se considerar a identidade como sendo determinada pelo contexto social e histórico, ao mesmo tempo em que ela é determinante, a partir do momento em que o indivíduo atua neste contexto, seja nas atitudes que adota, nas ações que realiza e nas escolhas que ele faz.

Desse modo, compreende-se a identidade pessoal e social em uma única instância, não havendo a sua diferenciação em duas categorias distintas. Nesse mesmo sentido, “o indivíduo se configura ao mesmo tempo como personagem e autor – personagem de uma história que ele mesmo constrói e que, por sua vez, o vai constituindo como autor.” (JACQUES, 2011, p. 162).

Gênero enquanto categoria discursiva

Para Erving Goffman (1985), as identidades seriam como papéis sociais que assumimos nos variados contextos e ambientes que participamos. O indivíduo seria uma espécie de ator que desempenha papéis sociais. O personagem, ao atuar, representa um papel social, a identidade coletiva a ele associada, que é pautada nas relações sociais. Podemos retirar dos papéis sociais duas características: a identidade e o seu lugar no grupo social.

Autores como Hall (2006) e Bauman (2005) apontam a estabilidade identitária como uma característica da modernidade e parte de um amplo processo de mudança social. Assim, segundo eles as transformações sociais e políticas ocorridas principalmente no último século, colocaram a questão da identidade como uma importante pauta para as teorias sociais. Até então, as identidades que conferiam estabilidade e unidade aos sujeitos eram estáticas, e, portanto, sequer discutidas.

Hall (2006) aponta a identidade de gênero como um dos pontos de ancoragem que localizava o indivíduo socialmente, que se encontra em pleno processo de transformação. O feminismo é citado pelo autor como parte de um conjunto de avanços na teoria social e ciências humanas, que contribuíram para o descentramento da figura discursiva do sujeito moderno, cuja essência era tida como a racionalidade.

Outro aspecto destacado por Hall (2006) em relação ao feminismo, é que este é parte dos movimentos que emergiram durante os anos sessenta que dão origem a política da identidade. Assim, a identidade de gênero transforma-se em um dispositivo político por meio do qual é possível ao indicar o pertencimento a um determinado grupo, o sujeito dar visibilidade social e política a bandeira da diversidade sexual e de gênero.



Galinkin & Ismael (2011) apontam que a noção de gênero para referirem-se as relações sociais entre homens e mulheres, conforme o sentido atribuído pelos estudos feministas começa a ser usada a partir da segunda metade do século XX. O termo se contrapõe aos enunciados que justificam a partir da perspectiva biológica as distinções e assimetrias existentes entre o sexo feminino e masculino. Nas palavras das autoras “gênero é um construto analítico¹ usado para explicar as relações sociais entre pessoas de diferentes sexos e orientações sexuais, assim como a variedade de sentidos atribuídos a essas diferenças” (GALINKIN & ISMAEL, 2011, p. 503).

Nesse sentido, os estudos passam a indicar gênero como algo construído socialmente, sendo as diferenças entre homens e mulheres um condicionamento cultural, ao qual somos submetidos por meio de diversos mecanismos que determinam os comportamentos adequados a cada papel. Vale salientar que, essa compreensão surge da percepção que modelos de feminilidade e masculinidade não são fixos, variando social e culturalmente.

Galinkin & Ismael (2011) destacam que, embora o marco inicial dos estudos sobre gênero tenha privilegiado a discussão sobre a posição social e política da mulher, estudos

posteriores acrescentam outras variáveis que se articulam na construção dessa e de outras identidades de gênero. Assim, outras categorias são destacadas como essenciais na análise das relações sociais de gênero, a saber: raça, classe social, etnia, dentre outras.

O próprio binarismo dos estudos iniciais e o heterossexismo é problematizado por estudos mais recentes, como os realizados pela filósofa Norte Americana Judith Butler. A filósofa introduz o conceito *queer*, que em inglês significa “estranho” para referir-se a outras masculinidades e feminilidades como gays e lésbicas.

A concepção de *performance* na qual se fundamenta os estudos *queer*, compreende o discurso como ação que transforma a realidade. De tal forma, as identidades passam a serem compreendidas como performáticas e mutáveis, uma vez expostas a um emaranhado de discursos que deslocam o sujeito incessantemente. Assim, fora da matriz heterossexual despontam novos papéis e possibilidades identitárias, que transgredindo o padrão normativo mostram a fluidez de papéis até pouco considerados estáveis.

Dito isso, por identidade compreende-se a noção que o sujeito tem de si, como se reconhece ou o sentimento de pertencimento a determinados grupos ou categorias sociais. No que diz respeito ao gênero, trata-se de uma categoria discursiva em construção, cujos

¹ Galinkin & Ismael *apud* Scott 1995



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desdobramentos alargam as possibilidades de ser e estar no mundo. No entanto, esse estar no mundo não significa necessariamente um lugar conforme destaca alguns autores, mas em trânsito.

As identidades, como salientado por Goffman (1985), podem assumir variadas facetas em detrimento dos contextos inseridos. Assim, as identidades, através de sua manutenção, podem tanto aproximar quanto separar determinados grupos ou indivíduos. Por conseguinte, os “deslocamentos” de centros de poder da pós-modernidade, como trazidos por Hall (2006), corroboram para tais variadas facetas ao passo em que abrem a possibilidade para as mesmas; o deslocamento do sujeito do iluminismo com identidade unificada, passando pelo sujeito sociológico, compelindo ao sujeito pós-moderno, com identidade móvel, transformada na medida em que somos representados ou interpelados pelos sistemas culturais nos quais estamos inseridos (Hall, 1987).

A pós-modernidade traz consigo problematizações como as salientadas por Butler acerca do binarismo dos estudos de gênero, as quais nos remetem a indivíduos que, através da mobilidade de sua identidade podem assumir em determinados momentos o papel (tido como) masculino e em outros o papel (tido como) feminino, denominados

indivíduos intersexo, concomitantemente a outros indivíduos que põem em voga a alteridade, tendo em vista uma heteronormatização do desejo, vão de encontro ao indivíduo centrado e unificado iluminista.

Tendo em vista os indivíduos tidos como intersexo e o contexto atual da sociedade, que por ter caráter paulatino na mudança de determinadas perspectivas (ainda encaixadas naquele sujeito binário, centrado e unificado iluminista), ainda encontra na alteridade um lugar de discursos de ódio e repulsa; sendo assim, tais indivíduos, a partir da formação do eu no olhar do outro, como salientado por Lacan (1997), a imagem do eu não é unificada naturalmente, mas é tida dessa forma, a partir de um processo gradual aprendido através da relação com o outro. Adotando a perspectiva de indivíduos que biologicamente apresentam determinado sexo e ao decorrer de sua existência se propõem tanto em vestimentas, quanto elementos ou atividades tidas do “sexo oposto”, tais indivíduos tem sua identidade exigida em detrimento de um dos sexos, não podendo, pois, conter em si “elementos” de ambos os sexos, mediante seu contato com o olhar do outro sobre seu eu.

Como trazido por Hall (2006), a identidade é formada ao longo do tempo e em torno da mesma sempre existe algo



“imaginado”, ou esperado, sobre sua unidade; assim, tal identidade é mutável, pois está incompleta e “sendo formada” constantemente. Tendo em vista tal ótica, o indivíduo poderá apresentar em si identidades variadas de acordo com o contexto, com sua história, seus posicionamentos, etc.

Ainda salientando Lacan, o mesmo traz que na “fase do espelho” a criança não se “imagina” como uma pessoa inteira, se vendo, pois, refletida através do outro. Por conseguinte, na medida em que o indivíduo se desenvolve tal reflexo do eu, em aspectos como seu gênero, por exemplo, assumem um papel imperativo na trajetória do mesmo.

Intersexo e suas vicissitudes

“O que determina o sexo de uma pessoa? As características do corpo ou da mente? Até que ponto o que consideramos anomalia é apenas uma diferença que deveria ser respeitada em sua especificidade?” (SANCHEZ, 2003).

Surge a não identificação de alguns sujeitos nas categorias de homem ou mulher, e deste impasse, conseqüentemente emergiu uma nova categorização: o intersexo.

A categoria intersexo traz uma nova discussão, pois vai de encontro à lógica binária feminino e masculino. De acordo com a Sociedade Intersexual Norte Americana, o

intersexo seria uma terminação usada para instituir uma multiplicidade de condições em que uma pessoa nasce biologicamente com traços sexuais que não condizem na definição típica de gênero feminino ou masculino.

Apesar de, comumente, ser considerada a anatomia dos órgãos genitais como definidora do “sexo” e base para categorização, muitos não se encaixam a esta identidade previamente estabelecida. Esta não identificação causa muito sofrimento quando o intersexual tenta se encaixar nas normas sociais impostas para assumir o papel que a ele fora designado.

O intersexo abrange fatores que vão desde as características anatômicas até ao meio sócio-cultural da construção da identidade do ser com o seu corpo. Entretanto, para que o sujeito alcance o reconhecimento, apenas a normatização de categorizá-lo entre masculino e feminino, diante de uma correção cirúrgica, não o definirá dentre essas categorias.

É sabido que há variações na cultura humana e na categorização do sexo, em que a categorização revela interesses políticos e históricos. No entanto, a natureza humana não define a categoria “homem” e “mulher”, bem como, não define onde a categoria de “intersexo” começa, nem termina, pois a identificação compete ao sujeito. Para ACIOLY (2007):



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“Nesse contexto social, levantar qualquer questionamento sobre o sexo ao qual se pertence, ou semear dúvidas no seio da sociedade, é um dos conflitos mais radicais a que se pode expor uma pessoa, pois conduz a discussão sobre o sexo e o gênero cujas teorias não aplacarão um sofrimento de uma família ao tentar responder qual é o espaço social de uma pessoa com a ambiguidade genital. Diferentemente das demais formas físicas ou padrões corporais, a ambiguidade genital é entendida como deficiência física que se estigmatiza as pessoas que nascem sobre essa condição ao abrir uma ferida na sexualidade de toda uma sociedade, trazendo à tona uma longa discussão sobre sexo, gênero e o papel sexual, historicamente representada na figura da pessoa intersexo.” (2007, pág. 40)

CONSIDERAÇÕES

Além da discussão trazida por Foucault (2012), acerca da verdade do sexo e de uma definição do outro através do seu sexo, compele a uma identidade, majoritariamente estereotipada, em torno de determinados indivíduos que trazem em si (ou consigo) uma alteridade no padrão estabelecido do que é tido como masculino e como feminino.

Tal alteridade provoca, desta forma, uma quebra ao sistema binário, o qual

propicia o surgimento de um campo de possibilidades - de maneira teórica por meio de conceitos desenvolvidos por estudiosos, e/ou a partir de movimentos sociais, ligados as questões de gênero - na sociedade para a adesão e a concretização prática a esta ruptura, dando voz, força e direitos a todos que socialmente tiveram ou tem suas identidades mascaradas, humilhadas, agredidas - moral e/ou fisicamente - ou até mesmo mortas.

Demonstrando desta forma que socialmente ainda temos que evoluir muito, e para tal evolução é necessária uma conscientização que ganhe força a partir da luta - que necessita perdurar e resistir - nos diversos contextos sociais que a discussão sobre gênero tenha espaço e possa galgar força.

REFERÊNCIAS

- ACIOLY, S. (2007). **Intersexo e identidade: história de um corpo reconstruído**, dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- BAUMAM, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2012.

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



GALINKIN, A. L., ISMAEL, E. Gênero. IN: CAMINO, L., TORRES, A. R. R., LIMA, M. E. O., PEREIRA, M. E. (ORGs). **Temas e teorias**. Brasília/DF, Technopolitik, 2011, p. 503-557.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

HABERMAS, J. **O futuro da natureza humana**. São Paulo, Martins fontes, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11. Ed. DP&A, Rio de Janeiro, 2006.

JACQUES, Maria da Graça. Identidade. In: **Psicologia Social e Contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2011.

SANCHEZ, F. **O terceiro sexo**. [Editorial]. Superinteressante. Edição 185. Fev. 2003. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/o-terceiro-sexo>. Acessado em: 23 de Abril de 2016.

